

CIDADES DE NOMES EXÓTICOS

Quando eu soube que em Minas Gerais, na chamada Zona da Mata, há uma cidade chamada “SEM-PEIXE”, refleti que se tivesse nascido lá, não teria podido pescar lambaris na pequena represa que chamávamos de “tanque”, em grande fazenda agrícola de minha cidade natal. Todo fim de semana íamos, eu e meu amigo dono de um sacolejante “fordinho de bigode”, e disputávamos quem pegava mais daqueles pobres peixinhos. Minha mãe era quem preparava as iscas com miolo de pão e farinha de milho, acho que também misturava restos do arroz que sobrara do dia anterior. Eu mesmo limpava-os, para depois serem fritos e servidos no almoço. Uma delícia! Há muito tempo, contudo, não pesco mais. Acho uma patifaria atrair os peixes oferecendo-lhes comida em traiçoeiros anzóis. Talvez fosse mesmo melhor, reflito agora, ter nascido naquela cidadezinha mineira, a fim de não amargar, hoje, que já não pesco mais, o remorso dos inúmeros lambaris que fisquei...

Aos que gostariam de visitar New York, quero sugerir que talvez saia mais barato - mas não estou muito seguro disso - fazer um passeio a NOVA IORQUE, pequeno município maranhense na divisa com o Piauí, às margens do Rio Parnaíba, com uma população que não chega a cinco mil habitantes. O nome é uma homenagem, vejam só, à grande cidade norte-americana, com a qual não tem nada de similar.

Mas se você gostar de caça, o que posso recomendar é que visite o município de ANTA GORDA, no Rio Grande do Sul, que tem esse nome devido ao grande número daqueles animais na região. Na verdade, nem sei se ainda existem tantas antas assim e se poderiam mesmo ser caçadas. O município, que fica a cerca de duzentos quilômetros de Porto Alegre, ostenta a condição de ser turístico e é conhecido pelas grutas que tem, além de um bonito campanário.

E qual seria a razão do estranho nome COITÉ DO NOIA, pequeno município localizado na região central de Alagoas? Fiquei sabendo que os pioneiros da localidade pertenciam à família “Noia”,

e que no local abundavam arbustos que dão um fruto chamado “coité”, que aberto no meio é usado como cuia.

Um nome de cidade que sempre me intrigou é CUPARAQUE, pequena cidade do Vale do Rio Doce, também em Minas. Fui pesquisar e descobri que significa, em tupi-guarani, “onça pintada” (cupa = onça, raque = pintada). Era porque na região havia muitos desses felinos, que infelizmente estão cada vez mais sendo acuados para rincões distantes.

Também me intrigavam os topônimos CURRALINHO, pequeno município paraense do Arquipélago do Marajó, famoso por suas lindas praias de água doce, e CURRALINHOS, assim mesmo, no plural, na microrregião de Teresina, capital do Piauí, com pouco mais de cinco mil habitantes. Os nomes, no singular e no plural, são o diminutivo de “curral”, que na verdade não passa de uma corruptela de “curralzinho”, instalação comum em locais de criação de gado.

Ainda na progressista Minas Gerais há uma cidade com o poético nome de FRUTA DE LEITE, que uns dizem dever-se a uma fruta comestível e adocicada, lembrando doce de leite, enquanto outros afirmam que o nome refere-se à flor branca como leite, comum em arbusto da região.

Rimos bastante, eu e Raimundo, ao falarmos dessas cidades de nomes exóticos. Ele, como todos sabem, é um caiçara pescador muito respeitado em toda região. No decorrer de nossa conversa lembrou-se de que, há alguns anos, teve um companheiro de pesca que era da cidade fluminense de VARRE-SAI. Raimundo até brincou comigo: “Seu doutor, às vezes tenho vontade de dizer a uma visita incômoda que pegue uma vassoura, varra a casa e saia”. Não duvido que algum dia ele faça isso. Raimundo nunca teve peias na língua...

Viganó

darly.vigano@gmail.com